

# A POIESIS DE “TRANSVERSÃO DA MEMÓRIA” E A SUPERAÇÃO DAS APORIAS TROPICAIS: UMA LEITURA BERGSONIANA DO *CATATAU*, DE LEMINSKI

Carlos César Mascarenhas de Souza<sup>1</sup>

*Resumo:* Trata-se de um estudo sobre a questão da memória, a partir do diálogo entre o texto literário *Catatau*, de Paulo Leminski, e o pensamento de Henri Bergson. Partindo do pressuposto de que o texto de Leminski problematiza e traz à tona um dos impasses ou aporias mais marcantes da cultura brasileira, que se expressa nos dilemas das discussões entre as dicotomias do nacional *versus* estrangeiro, original *versus* cópia e congêneres, sugerimos, através deste trabalho, a operação da Poiesis de Transversão da Memória como uma modalidade de leitura essencialmente voltado à superação das dicotomias que sustentam os dilemas nas aporias da cultura.

*Palavras-chave:* Memória, Aporia, *Catatau*, Paulo Leminski, Henri Bergson.

*Abstract:* We undertake a study of memory by examining the dialogue between Paulo Leminski’s literary text *Catatau* and the ideas of Henri Bergson. One of Brazilian culture’s most striking aporias is expressed in dichotomies such as those between national and foreign or original and copy. Working on the assumption that Paulo Leminski’s text brings to fore and problematizes those impasses, we suggest the Poiesis of “Memory Transversion” as an approach which is particularly concerned with the overcoming of the dichotomies underlying culture’s aporias.

*Key words:* Memory, Aporia, *Catatau*, Paulo Leminski, Henri Bergson.

*Vai me ver com outros olhos ou com os olhos dos outros?* (*Catatau*, p. 206).

A fábula verbal do “romance-idéia” *Catatau*, do escritor Paulo Leminski, nos coloca “de cara” com um dos temas mais recorrentes na história da cultura e literatura brasileiras, a saber, a questão da *autenticidade do caráter nacional* em meio aos dilemas e conflitos oriundos dos jogos dicotômicos que enlaçam noções, tais como: identidade e a alteridade, o nacional e o estrangeiro, o eu e o outro, e assim por diante.

A esse respeito, talvez, todo o empreendimento poético-contextual dessa obra possa ser sintetizado pela indagação da personagem Cartesius – numa das últimas frases do livro, e escolhida como epígrafe para o presente estudo. Assim,

---

<sup>1</sup> Psicanalista; Doutor em Teoria Literária; este trabalho é uma espécie de síntese da Tese de Doutorado, defendida em abril de 2007, na área de Teoria da Literatura, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Endereço eletrônico: c.mascarenhas@bol.com.br.

enuncia a voz da personagem questionando o interlocutor imaginário e/ou virtual leitor: “Vai me ver com outros olhos ou com os olhos dos outros?”.

Com tal questão, a personagem parece querer arrematar, de uma vez, tudo o que é lançado em meio à dispersão de um discurso em que o texto, do ponto de vista da retórica, poder-se-ia caracterizá-lo como uma verdadeira *hipérbole verbal repleta de elipses*, ou melhor, os *elipsódios*<sup>2</sup>, tais como se verá mais adiante, donde transcorre a suposta “narrativa”, caudalosa e erraticamente, num só parágrafo de 206 páginas!

Sob o influxo dos impulsos de uma escrita surpreendente, pela qual segundo a voz do narrador e personagem: “A cabeça se perde em *lemniscatas instantâneas*” (p. 60, grifo nosso), Descartes vêm ao Brasil. E chega portando a máscara-persona do seu “duplo” Rénatus Cartesius.

Seguimos, então, as trilhas desterradas desse estrangeiro em exílio nos trópicos, solitariamente à espera do amigo Artyczewski. Este seria uma promessa de hospitalidade, de quem Cartesius receberia as explicações necessárias com vistas a se situar em meio a um ambiente e mundo inteiramente novos. *A espera é um engodo*. E aqui, já temos o *Catatau* dialogando, intertextualmente, com Beckett, em *Esperando Godot*.

Partindo-se do próprio significante que dá título à obra, chega-se ao encontro do que o protagonista alude como sendo os “*Campos Magnéticos e Catalaúnicos!* Arte de Escolher Nome para Si” (p. 169). Quer dizer, do desdobramento fonético e morfo-semântico da palavra “catatau” ensejamos, na proposição desta nossa leitura, dar origem à abertura de uma *plataforma movente de significantes*, através da qual possamos acompanhar e alinhar determinados aspectos do trabalho criador (*poiesis*), a partir dos elementos que se fazem presentes no texto, até atingirmos aquilo que chamamos de *Poiesis de Transversão da Memória*, no que esta venha a sugerir o sentido de um trabalho de superação quanto a determinados impasses ou *aporias* da cultura, quer na experiência vivida no plano da memória individual e/ou coletiva.

---

<sup>2</sup> Trata-se de um dos inúmeros neologismos engendrados em *Catatau*. A palavra-montagem (portemanteau), operada pela junção de outras duas como se vê, elipses + episódios, desemboca nessa palavra nova “elipsódios”, que aglutina os dois sentidos das antecedentes e, ao mesmo tempo, exprime o ineditismo de uma terceira idéia, gerando assim, uma nova expressão conceitual para se pensar o timbre dessa estranha “narrativa”, que a partir da sugestão da obra, leva-nos a caracterizá-la como uma “Narrativa Elipsoidal”. Cf. em *Catatau*, onde Cartesius enuncia: “Esses elipsódios tanto não são a equação que exprime a condição do problema quanto menos tudo que os desmentisse estavam experimentando. Dando um arco da hipóbole, descrevem a envergadura tal como antes do dilúvio?” (LEMINSKI, Paulo. *Catatau*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 1989, p. 153-154 – as referências a essa obra serão feitas no corpo do texto, entre parênteses, após a citação).

Graças aos próprios vetores norteadores da estratégia no ato configurante da obra, resulta que, deste ponto de vista, é a própria voz do texto, através das elocuições do protagonista Cartesius, sugerindo a criação da plataforma para esta nossa leitura. Acompanhar, assim, a *poiesis* da escritura nos movimentos enunciativos da voz textual, faz com que nos deparemos com uma verdadeira constelação de palavras imantadas a partir do prefixo “*cata*” (*Kata*)<sup>3</sup> do significante “*Catatau*”.

No emaranhado verbal da obra, podemos verificar diversos momentos em que esse traço gráfico-fonético comparece permeando, invocando e evocando a chegada de muitas outras palavras, nas quais o referido traço está presente. Eis algumas passagens em que à luz da voz do narrador/personagem tal evocação se enuncia:

Campos Magnéticos & Catalaúnicos! Arte de Escolher Nome para Si (p. 169).

Ora, senhora preguiça, vai cagar assim na catapulta de Paris! (p. 24).

Que catástrofe escolho? (p. 25).

A pélula pula num só pé, cataítchimbun! (p. 54).

A cabeça se perde em leminscatas instantâneas, e no pega e larga, deixa prenhez!

Persignar-se, com qual signo? (p. 60-61).

Pedra-gozo, engordam os que tarde acordam e engolem os que dormem! Sucata, sucataatassu! (p. 63).

A graça da morte só se vê na piada da guerra. Piolho na garra, Catapulgaixa! (p. 65).

Catequeseacacet! Não pense, é cacaca, calapresto! (p.94).

Da Babilônia à Catalunha – nem mais um passo! (p. 122).

Destornando Aparício o Transnorteador! Auf, auf, auf, luteram os cães! Golpe cacocatábico! (p. 124).

Um acéfalo sofrendo de apocolocintose, agente catalítico numa operação cataléptica, diáspora e catapora! (p. 135).

Bumba! Catacumba! O espírito espreita, tenho com quê (p. 150).

O falcataclismo de alguns deriva disso que em algumas línguas, bom passado do futuro o tenha! (p. 181).

Digiro, distilo. Sublimo, preparo: dirijo os catás alquímicos (p. 197).

Um corolário, portanto, em que o *Catatau*, sub-repticiamente como um “*agente catalítico numa operação cataléptica*” vai operando sem cessar seu “*Golpe cacocatábico*”, diretamente sobre a dimensão da materialidade gráfico-especular, isto é, simbólico-imaginária da linguagem. *Linguagem transnorteadora* pelos “*catás alquímicos*” vai sofrendo, para o desconforto cognitivo-intelectual de quem aí procure pela facili-

---

<sup>3</sup> Consoante a etimologia grega, quanto ao vocábulo *Kata*, trata-se de um advérbio que indica a idéia de um movimento para baixo, com vistas a enfatizar nesse movimento de descida o sentido de uma passagem, de um durante, de um enquanto (Cf. ISIDRO PEREIRA, S. J. *Dicionário grego-português e português-grego*. 8. ed. Braga: Livraria A. I., 1998, p. 299).

dade de um texto dócil e bem-comportado, alterações contínuas donde se expressa a evidência de uma aparente “*queda*” no plano simbólico da linguagem. *Cataclismo na e da linguagem?* Pois, como enunciou acima Cartesius, pelo “falcataclismo de alguns deriva disso que em muitas línguas, bom passado do futuro o tenha”.

Todavia, em meio ao embaralhamento dessa mixórdia verbal, importa, também, chegar-se ao verbo “*Catar*”, isto é, buscar, pesquisar, recolher e examinar atentamente, antes de um julgamento precipitado. É que, nas elocuições do texto catatauesco existe um apelo ao leitor por um trabalho inventivo e criador, fruto de uma *poiesis*, igualmente no plano da leitura. Donde vemos, na confluência entre o leitor e a obra, resultar o movimento da “*Catábase*”<sup>4</sup>, posto que o gesto criador do autor no plano simbólico da escritura dá-se “*como se*” estivesse dando origem a *uma língua estrangeira, dentro, e a partir da própria língua materna*. No plano superficial do texto, assiste-se, pois, à encenação da linguagem que, na materialidade gráfica dos signos verbais, transborda as molduras costumeiras do código tido com refém das categorias na *mimese da Representação*, e escava um novo veio no interior da própria língua, reinventando-a num campo, agora, aberto e virtualmente se atualizando como *Presentação*. Eis a movência lingüística do *Catatau*, implicada no primeiro movimento a que nomeamos por *Poiesis de Introversão*.

Todavia, o trabalho inventivo com a palavra, ao mesmo tempo, aponta para um dilema que se traduz de certa forma em termos de uma *aporía do ponto de vista da linguagem*, pois, como enuncia mais uma vez a personagem:

As letras do escrito murchando as flores vivas do pensar, o alfabeto lapida os estertores das arestas dos sentidos: a arte gráfica cristaliza o manuscrito em arquitetura de signos, pensamento em superfície mensurável, raciocínio ponderável, assim morrendo em graus, dos esplendores agônijcos do pensar vivo até as obras completas (p. 30).

A instalação do dilema na relação entre o pensamento e sua respectiva expressão no plano da linguagem, tal como pudemos constatar nas citações acima, faz de *Catatau* uma obra essencialmente crítica, no que tange ao problema do limite da operação da linguagem, no sentido de apreender o pensamento no seu trabalho de simbolização verbal. Segundo Franklin Leopoldo e Silva:

---

<sup>4</sup> Segundo Junito de Souza Brandão, trata-se de uma espécie de movimento de iniciação simbólica, presente em diversos ritos que levam o indivíduo às experiências dos começos do mundo e do ser, isto é, um movimento de conhecimento que se volta às origens, pois, como esclarece este autor “Esta *catábase* é a materialização do regressus ad uterum, isto é, do retorno ao útero materno, donde emerge de tal maneira transformado, que se troca até mesmo de nome. O iniciado torna-se outro” (Cf. BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*, v. 1. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 54, grifo nosso).

A razão daquilo que chamamos aporia da reflexão é a impossibilidade de o espírito captar-se num momento, num primeiro momento, em qualquer dos seus momentos, na medida em que qualquer “instante” já seria uma interrupção artificial no fluxo do pensamento<sup>5</sup>.

Mas, voltando ao enredo da história pelo qual transcorre da suposta narrativa, e começando pela situação de franco desamparo e de desencontro, a chegada de Cartesius nos trópicos soa como a metáfora de uma “*Queda*”, aliás, uma das acepções do vocábulo “*catatau*”. O amigo Artyczewski nunca chega. Então, Cartesius põe-se a falar de modo irrefreável durante a espera e, no ritmo freneticamente desesperado, vai enunciando por meio dos fragmentos de um discurso descontínuo, espantos e perplexidades, devido ao choque que sua percepção eurocêntrica sofre nas afetações do contato com as estranhezas e novidades “*Novo Mundo*”. E, aqui, mais uma palavra comparece ao campo magnético-verbal da nossa leitura: *Catatônico*. Pois, no texto, vê-se a personagem reconhecendo-se, assim, neste estado:

*Catatônico* no escuro: quantas sombras fazem uma treva? Quem vem lá andando pernas de pau, gritando em línguas mortuárias, falando a parcos pulmões, pálpebras piscam e o olho leva a fama? Requite de precisão, coincidir com o objeto. A droga invisível, o paraíso artificial. O sistema está nervoso. Os meandros do conceito: poucas coisas melhoram com o tempo, entre elas, o vinho. O escondido perfeito a Occam pertence, o significado (p. 196, grifo nosso).

A *queda* de Cartesius, ainda intertextualmente, pode nos levar à queda de *Alice no país das maravilhas*, de Lewis Carroll, em que a personagem Alice, também, vê-se perdida num mundo repleto de seres estranhos e de acontecimentos inusitados. Mas essa queda é, igualmente, a metáfora das inúmeras quedas que permeiam o imaginário das narrativas ocidentais, desde a queda de Adão, paradigma de tantas outras na História da humanidade. Talvez, por isso mesmo, a voz de Cartesius, em certa passagem do texto, aponte para a própria queda do seu discurso, desorientando-se ante as afetações provocadas pelo monstro Occam que habita o abismo da linguagem, para onde, também, tenta arrastar o leitor que se reflete no pacto imaginário da leitura. Vejamos:

Não representa o que apresenta. Em outras palavras, são outra coisa [...] Os sintomas são esses, os sistemas são outros. O sigilo cai sobre o fato, armazém de armadilhas, fato nulo, ato nulo. Algomonstro está oculto atrás do ato nulo. O fato? Occam. O mapa é este. Não quero me precipitar, creio num abismo aí. Ele disse, ele se calou que só vendo, veio falando e foi desapercibendo. Um abismo,

---

<sup>5</sup> LEOPOLDO E SILVA, Franklin. *Bergson: intuição e discurso filosófico*. São Paulo: Loyola, 1994, p. 233.

quem o mora? Nunca é demais voltar atrás, desde quando estamos caindo? (p. 19).

A crise cruza com um signo. Mxcxitl! In hoc signo – Occam, mero inspírito, puro explícito, espião (p. 43).

Folhas! Coisas não quer dizer que. Quer? Passa rápido, dizendo: por meu nome! Ondediabo terei deixado meu significado? Leva desta vida – o que não se disser. Sul, o fundo do abismo? Absurdo. Oeste, abismo algum em cima: fim da linha. Do chão não passapassagavião, até não mais poder: se cair. Presença, trajetória, imã: concebe um abismo sem fundo. E sai donde, daí? Por diante (p. 197).

Queda em *mise en abyme*. Cartesius, na condição de “duplo”, simulacro de Descartes (um dos pais da Ótica), chega amparado por “*lentes e lunetas*”, instrumentos com os quais tenta analisar e compreender a nova realidade. Quanto a esta, cenário da espera, a “ilha de Antônio Vaz” na Capitania de Pernambuco, o império açucareiro do período seicentista, palco de invasões e disputas entre holandeses e luso-portugueses. Cartesius chega, pelo viés da ficção, como um dos integrantes da ilustrada comitiva de intelectuais, cientistas e artistas do conde João Maurício de Nassau, representante da Companhia das Índias Ocidentais, que governou o “Brasil Holandês” entre 1637 e 1644.

O cenário e contexto histórico-geográfico, motivos da decolagem ficcional do “romance-idéia”, poderia sugerir a tentativa de vê-lo como mais um rebento, no sentido de fomentar a idealização triunfante do culto votado ao exotismo tropical. Muito longe, porém, e talvez até como paródia crítica de outros intentos sustentados por tais pretensões, *Catatau* parece querer suscitar maiores avanços.

Em que pese à supremacia do trabalho da *poiesis*, dirigindo-se na configuração da obra, especialmente, à realidade sógnica da linguagem verbal, em que a própria palavra parece protagonizar, durante o transcurso da escritura, o papel principal da encenação textual, importa não olvidar e deixar de lado um outro vetor que, igualmente, participa na constituição de *Catatau*. Trata-se do vetor da *Poiesis de extroversão*. Esta, referindo-se aos eventuais liames que a linguagem opera, articulando-se aos elementos de um dado contexto sócio-espacial. No entanto, é com a *poiesis de extroversão* que o autor do “romance-idéia”, efetua seus “golpes” em todas as “ilusões do referente”, *significacionalizando* a realidade objetiva dos dados empíricos, quer do plano da História oficial, quer do plano da topografia geográfica do espaço onde se sucede a suposta “narrativa”. Daí, ser inócua ir em busca de uma exatidão e/ou verdade histórico-geográfica entre os fios de uma textura movida segundo a lei dos impulsos e influxos transfiguradores das *poiesis*.

Com efeito, em *Catatau*, tudo se altera sob máscaras verbais, afetando desde os nomes das personagens, seres, bichos, plantas e coisas da ambiência ficcional, até os nomes de lugares e tempos que, heterogeneamente, se confundem. Donde o gesto criador (*poiesis*) da escritura que engendra um verdadeiro *nó* na configuração

do espaço textual: *Catadein*<sup>6</sup>. Com efeito, resulta no óbvio semblante de um texto-enigma que se aproxima-se da complexa urdidura dos “Nós” e dos “labirintos”, freqüentemente evocados ao longo de toda obra.

Resulta, desse modo, assistir à personagem enlaçada num verdadeiro *impasse* diante de um espaço genuinamente *enigmático*<sup>7</sup>, donde enuncia:

Estou sujeito a isso. Solus ego natus in Europa, modus ergo renatus in Brasília. Difícil dizer o que mais custa ou dura, o mesmo digo eu: movimento signo do vazio [...] Complexus in sensu, consensus reflexus, fluxus. Subspecie aeternitatis, in spatio aenigmatum (p. 41).

Estou que é ver Brasília: matracas batráquias, troncos áureos, falópios amarrando as trompas, prestaportô. Brasíliaocartésiomaquias! [...] Onde o amor entre coisas e palavras? Um meio estranho e meio para chegar à vida inteira (p. 193).

Texto-labiríntico, onde tudo se constrói aparentemente pelo olhar perplexo e exasperado da personagem perdida e desorientada no interior de uma construção complexa, repleta de meandros e veredas dessa floresta verbal. *Labirinto de espelhos* como desafio à *travessia narcísica* da personagem pelo território da linguagem movente, onde a palavra se contorce e se transtorna braquilógicamente, fecundando outras palavras, neologismos e palavras-valise (*portmanteau*), o que faz dessa obra, também, *uma fábula óptica* acerca de um olhar que se projeta na linguagem sob a forma de um discurso nitidamente fragmentado e repleto de aparentes deformações, tal como se vê a seguir:

Digo palavras que não são – para achar o que sou. Com perda de uma palavra – não! A cigarratriz multiplifanta, o linguajar comprovoa o pesadédalo. Escafeder – isso escafendem, escafender – isso esconfundem... Gargantalhadas chapinha-furdam momentoluscos, paralelodédalos a seu babelprazer (p. 45).

Olhos, espelhos d’alma, Narciso está? Não sei se está, se não sei, quem sabe lá, eu sei aqui: saiba daqui, Sibilisterralewis! (p. 45).

Narciso contempla narciso, no olho mesmo da água. Perdido em si, só para aí se dirige. Reflete e fica a vastidão, vidro de pé perante vidro, espelho ante espelho, nada a nada, ninguém olhando-se a vácuo. Pensamento é espelho diante de um deserto de vidro da Extensão. Esta lente me veda vendo, me vela, me desvenda,

---

<sup>6</sup> Junito de Souza Brandão observa que: “No domínio lingüístico, as palavras que designam *atar e desatar* normalmente expressam também uma idéia mágica, um encantamento. O verbo grego *katadein*, “ligar solidamente”, exprime outrossim a ação de *ligar por um sortilégio*, através de um nó. Desse modo, seu derivado *katádesmos*, “liame, ligação”, é também um *laço mágico*, que se faz com um nó” (Cf. BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*, v. 2. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 54-55).

<sup>7</sup> Segundo Toninho Vaz, antes de pôr como título *Catatau*, Leminski desejou colocar como nome desse livro a palavra “Zagadka”, cujo significado é “enigma”, em russo-polonês (Cf. LEMINSKI, Paulo. *O bandido que sabia latim*. Rio de Janeiro: Record, 2001, p. 109).

me venda, me revela. Ver é uma fábula, [grifo nosso] – é para não ver que estou vendo. Agora é que estou vendo onde fui parar. Eu vejo longe. Pensamento me deu um susto, nó górdio na cabeça, que fome! (p. 17).

Enigma, cujo desafio é um convite à decifração. Decifração que, entretanto, nunca se fecha num determinado sentido, definitivo e totalizador, posto que, no interior da arquitetura monstruosa desse *livro-bicho de letras mutantes*, tem-se a entidade Occam, monstro cuja forma nunca se deixa apreender, transformando-se sem cessar, tal qual um *Proteu*, movendo-se sob a lei de uma constante metamorfose. Este monstro desmantela todas as pretensões do ordenamento burocrático da Razão cartesiana, e *Catatau*, mais uma vez intertextualmente, suscita a presença de outros textos paradigmáticos da literatura ocidental, pois, como não vê-lo aí em diálogo com as metamorfoses de Kafka e, sobretudo, de Ovídio? É tanto que, a certa altura, Cartesius questiona com a sua dicção em forma de trocadilho: “Não somos os ossos de ovídio?” (p. 63).

Ademais, nos caminhos intrincados dessa floresta verbal, muitos são os fios que se enodulam, tecendo a urdidura textual, na qual importa que voltemos ao objeto central deste nosso estudo, visto que, como todo labirinto com suas várias entradas e saídas, a obra que nos ocupa é de uma fecundidade que admite diversos caminhos à sua leitura, várias interpretações.

Todavia, é valioso assinalar que o problema da *aporía* acima detectada no plano da linguagem (*poiesis de introversão*), também irá se rebater em outro plano, e aí, suscitando uma questão crucial do ponto de vista das relações que se tecem entre o texto e a realidade extra-verbal (*poiesis de extroversão*), na qual se referencia. É que o seu enredo recai, precisamente, sobre um recorte bastante significativo da História do Brasil, trazendo à tona a inevitável discussão que, de certo modo, já se tornou uma espécie de sintoma da angústia ou do mal-estar nas produções da vida intelectual e cultural brasileira. Trata-se da *preocupação com a identidade e com o ideal de originalidade e autenticidade da cultura brasileira*. E, deste modo, o “Golpe cacocatábico” da escritura dirige-se, agora, apontando externamente para o impasse mórbido no plano da indefinição do que seria o Brasil e à mítica dificuldade de se pensar *no* Brasil, pois, segundo Cartesius:

Este mundo é o lugar do desvario, a justa razão aqui delira. Pinta tanto bicho quanto anjo em ponta de agulha bisantina, a insistência irritante desses sisteminhas nervosos em obstar uma Idéia. Nunca se acaba de pasmar bastante, novo pânico põe fora de ação o pensamento (p. 17).

A cabeça furam de cáries. Um coco roído de formigas. Nestes climas onde o bicho come os livros e o ar de mamão caruncha os pensamentos, estas árvores ainda pingam águas do dilúvio (p. 18).

O pensamento se extravia na órbita dessa canícula cancelada por um câncer. Aqui a substância humana nada pensante, pesando sei lá o que de pênsill! [...] Mas

não advertem que deviam pôr o Brasil inteiro num alfinete sob um vidro? Posso me enganar, o que ninguém pode é se enganar por mim (p. 32).

Muito baralhado esse negócio brasílico! Se é xequematemático, porque os conchavos? Se ignimigo fisgadal, porque sofrequidão? (p. 63).

Pura perdição de ilusão. Brasília nunca vai começar a ser viável (p. 91).

O vetor da *Poiesis de Extroversão* é o viés centrífugo da matéria ficcional de *Catatau*, em que no texto se remete desferindo, simultaneamente, um golpe no calcanhar de Aquiles de todo um imaginário, sobre um contexto histórico-geográfico e sócio-cultural que, até os dias atuais, imanta fascínio e inquietações nos dilemas e discussões em torno da origem e destino do Brasil. Daí ter-se a personagem declarando: “Se o Brasil fosse holandês, ninguém mais entendia batavina” (p. 88).

Com suas flechas verbais, ademais, *Catatau* também parece querer incidir *e-lípticamente*, mas com precisão, no liame das discussões em torno de um país, contraditoriamente implicado, como já se é de costume ouvir no jargão popular, entre os votos da utopia (“O Brasil é o país do futuro”) e do esquecimento (“O Brasil é um país sem memória”). Ter-se-ia *Catatau*, também, como metáfora de um país desconstruído, perdido e paralisado, vítima dos seus próprios imbróglios e engodos?

É claro que não se trata de cair na “na ilusão do referente”. *Catatau* está muito longe de se querer como um romance-histórico. Todavia, o trabalho da *poiesis* nunca se dá como um empreendimento autista, circunscrito ao interior do território supostamente fechado da linguagem. Há, nesta empresa, um inegável vínculo entre o vetor do trabalho com a linguagem (*poiesis de introversão*) e certos aspectos da realidade sócio-empírica (*poiesis de extroversão*), além do que, como será dito mais adiante na *poiesis de transversão da memória*, o texto possa favorecer no sentido de se aventar uma saída desse dilema aporético que obsidiana a vida político-cultural no Brasil. De modo que Leminski, ele mesmo, é quem adverte em ensaio posterior à obra:

O ilusionismo solipsista (ego-trip) do personagem-Cartésio é o fiel retrato, em termos de realismo, do estado de espírito do colonizado, um homem fragmentado, desconexo, perplexo, atônito: alienado<sup>8</sup>.

Como não notar na flecha-indagação acima, a voz do texto desferindo um golpe preciso no Calcanhar de Aquiles da questão que, ao mesmo tempo, se transforma numa *ferida narcísica*, agora, no plano sócio-cultural da nação? Em *Catatau*, os movimentos da *poiesis* da linguagem é, essencialmente, fruto das provocações de “*Occam, O implicante!*” (p. 143), cujo fito parece ser o de querer expor outras “monstruosidades” que não apenas as que se manifestam nas esquisitices verbais, no inte-

---

<sup>8</sup> LEMINSKI, Paulo. *Quinze pontos nos iis*. In *Catatau*, Op. cit., p. 210.

rior do texto, mas, quem sabe, as que por vezes se emblematizam nas feições da realidade sócio-político e cultural. Tal como a cabeça de Janus, apontando em duas direções aparentemente opostas, a lei das *poiesis*, nesse caso, move-se pelo *oxímoro*, tentando abarcar e superar os contrários. Não por acaso que, nesse *romance-idéia* de Leminski, seu protagonista declara “o alvo não passa de um espelho” (p. 83). Movendo-se, assim, entre os espelhos de dentro e do fora da linguagem, em *Catatau*, as palavras não se cristalizam sob o regime sedentário da Representação, mas procuram alçar vôos, tais como as flechas que são lançadas como metáforas da real movência, pois, segundo Cartesius: “Flecha se atira em movimento, ninguém está parado. Nem o cavalo, nem o cavaleiro; nem a mente, nem a mão: nem o arco, nem a flecha, e o alvo o vento leva: tiro certo” (p. 51). Flecha que, como dizíamos acima, transforma o calcanhar de Aquiles numa ferida eminentemente narcísica. Eis como o nó do romance-idéia vai enodulando e misturando também as máscaras dos mitos:

A flecha atinge Aquiles decerto mas na máscara, o que é outro caso (p. 50).

Máscara, nó na cara, amarra, dou de ombros e cruzo os braços. Coço a cabeça a cata de citas; na falta de melhor, menciono-me no que ainda não fez menção (p. 55).

Nesse sentido, parece não ser excessivo afirmar que em *Catatau*, a realidade do texto coloca em cena e problematiza uma tese acerca do Brasil: aqui designamo-la por “*aporia tropical*”. De modo que, da *função heurística* (“arte de inventar”) das *poiesis* de *introversão* e *extroversão*, imanta-se mais uma palavra que alinhavam a plataforma movente da nossa leitura: *Synkatáthesis*<sup>9</sup> que aponta para o ato de “depositar” uma tese, quer dizer, de um “voto” (*thésis*). A *tese da aporia tropical* parece, enfim, estar consignada nos “nós” das tramas que o gesto criador entreteceu nos fios da escritura.

O Aspecto negativo da *aporia catatônica nos trópicos* se traduz, enfim, como um “nó” que Leminski engendrou para sinalizar e pôr em cena uma inquietação que, nas palavras de Roberto Schwarz é “um problema durável e fundo”<sup>10</sup>, permanecendo como signo de um mal-estar, devido à “experiência do caráter *positivo, inautêntico, imitado* da vida cultural que levamos”<sup>11</sup>. Magistralmente, e em direção distinta da que elegemos para o desenvolvimento deste nosso estudo, este autor aborda o

---

<sup>9</sup> Comentando a respeito da teoria do “assenso” dos estóicos, Armando Plebe e Pietro Emanuele esclarecem que o termo grego *synkatáthesis* “significa ‘depositar o voto na urna’, já que *katáthesis* é o oposto de *katálepsis*: “catatese” significa o ato de depositar e “catalepse” significa o ato de pegar” PLEBE, Armando; EMANUELE, Pietro. *Manual de retórica*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 180.

<sup>10</sup> SCHWARZ, Roberto. *Que boras são?: ensaios*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987, p. 29.

<sup>11</sup> Idem, *ibidem*.

*sentimento de inferioridade*, cuja perspectiva, é a de sempre se colocar na condição de mera *cópia ou repetição* de pensamentos estrangeiros, quer dizer, de *não-Ser* com relação à autenticidade de um suposto original. Eis a Insignia de uma herança colonial que atravessou os Ideais da uma República nascida ao sabor de um discurso, cujos interesses nunca se distanciaram do paladar das elites educadas que, como bem disse o autor ainda nesse mesmo ensaio, no Brasil “é uma categoria social, mais do que um elogio”<sup>12</sup>, e desemboca na pseudo-modernidade de um Estado nacional liberal, cuja resultado normalmente se traduz em termos de descompasso e de incompatibilidade insustentável entre os princípios teóricos “no papel” e a realidade concreta dos fatos. É valioso o arremate de Roberto Schwartz a esse propósito. Vejamos:

Vistos em conjunto, entretanto, são aspectos da constituição e do aparelhamento do novo Estado nacional, bem como da participação das novas elites na cultura contemporânea. Sem prejuízo da aparência postiça, estranha ao andamento cotidiano dos negócios, este dado é mais inseparável do quadro que a própria escravidão, a qual adiante seria substituída por outras formas de trabalho compulsório, também elas incompatíveis com a pretensão esclarecida. Corrido o tempo, a marca ubíqua de “inautenticidade” veio a ser concebida como parte mais autêntica do espetáculo brasileiro, algo como um penhor de identidade<sup>13</sup>.

E, para reforçar a elucidação de como se constituiu esse “nó” que abrigou e abriga, ainda, as ambigüidades, contradições e paradoxos na dinâmica estrutural da vida sócio-política e cultural brasileira, remetendo agora ao contexto colonial na capitania de Pernambuco, sede dos conflitos entre holandeses e portugueses, vejamos a valiosa observação de Evaldo Cabral de Mello, no seu ensaio “A ferida de Narciso”:

A guerra holandesa repelira um inimigo poderoso, mas externo, ao passo que, desde então, a luta fora contra um inimigo interno, os portugueses, que representavam a verdadeira classe dominante do país, ao passo que as classes dominadas eram os naturais de todas as condições, inclusive os descendentes de mazombos dos antigos colonizadores. A política dos lusitanos não somente havia sabido frustrar a Independência como dotar ambos os partidos de uma elite de brasileiros que criara para preservar, sob a fachada nacional, a antiga dominação<sup>14</sup>.

Desse contexto em que a luta passa a ser doravante “contra um inimigo interno”, cuja política teve por mira “frustrar a Independência” e consolidar o poder

---

<sup>12</sup> Idem, p. 38-39.

<sup>13</sup> Idem, p. 44.

<sup>14</sup> MELLO, Evaldo Cabral de. *A ferida de Narciso: ensaio de história regional*. São Paulo: Ed. SENAC São Paulo, 2001. Série Livre Pensar; 10, p. 41.

nas mãos de uma “elite” escravocrata e latifundiária, admirá, mas quase dois séculos após, o famoso conselho de D. João VI ao filho Pedro, para que este viabilizasse a independência do Brasil “antes que algum aventureiro lançasse mão” de tal iniciativa. E isso, também, não se passou imune às flechas verbais de *Catatau* que, a certa altura, parodiando a célebre frase que originou o “grito da Independência”, enunciou: “A flecha já está aqui, abriram o ovo: Zenão suicidou-se com a flecha antes que alguma tartaruga aventureira dela lançasse mão” (p. 90).

Do referido “grito” nacional, segundo Toninho Vaz, biógrafo de Leminski, este durante uma performance poética em programa de TV, teria feito o seguinte comentário:

O Brasil é uma piada de português. Nós fomos descobertos por acaso e a nossa independência veio de um grito, dado por um príncipe que representava o próprio poder que nos oprimia<sup>15</sup>.

Flechas que são lançadas no ovo da origem da Independência nacional, questionando os imbróglios da História, donde já podemos visualizar a chegada da *Poiesis de Transversão da Memória*, nosso terceiro vetor, sobre o qual colocamos o acento do presente estudo. E, lembrando do tal “grito”, Cartesius alude à memória desse episódio:

O óbvio eclipsa uma enigma. Passo o paradoxo como mera hipótese. Esqaço esqueço: a história deixou a memória em estados interessantes. Esqueci que estava no mundo, o mundo estava aqui, se distraiu: não tenho dúvidas a respeito da raça e do grito. Emitem seu gritos! (p. 85).

Mas, contexto histórico ficcional de *Catatau*, além da guerra entre holandeses e luso-brasileiros, há muitas outras guerras que se entrelaçam e, no entanto, todas elas giram em torno do indefectível dilema entre as categorias dicotômicas que, até então, sustentaram o Ocidente. Estas põem em cena o conflito entre: bárbaros *versus* civilizados, cópia *versus* original, *Ser versus Não-Ser*, estrangeiro *versus* nacional, e assim por diante. Daí Cartesius observar:

Uma flecha na memória. Candeia na gandaia, jangadas hasteiam bandeiras holandesas! Chama precisa parece uma gema, vamos acabar com esta guerrafesta que lá vem festaguerra (p. 61).

No ovoalvo, – pretopinta no branco: a flecha! (p. 80).

E, Como resultado de todos os sintomas e inquietações quanto à afirmação e à busca de uma identidade nacional, restou-nos o selo de sermos “um país exótico”. Um exotismo, cuja raiz remete-nos à demanda do olhar do europeu colonizador sobre o “Novo Mundo”. Assim como, no sentido inverso se construiu o mito

---

<sup>15</sup> VAZ, Toninho. *O bandido que sabia latim (Biografia)*. Rio de Janeiro: Record, 2001, p. 286.

da razão européia, cujo ícone é o pensamento de Descartes. Donde é usual, igualmente, se escutar que “a França é um país cartesiano” e/ou que “o francês tem o pensamento cartesiano”. Por isso, convidamos Bergson, justamente, com o intuito de mostrar a impertinência de julgamentos calcados em esteriótipos culturais dessa natureza.

A questão da *aporía* que detectamos e enunciamos como uma espécie de tese (*Catatese*) presente em *Catatau* acerca de certa leitura que deste texto possa se depreender sobre o Brasil, na verdade, a partir dele mesmo já se vislumbra que o problema da *aporía* deita suas raízes numa paragem bem mais aquém do que veio a se configurar como algo especificamente brasileiro. Como declarou Leminski: “O Catatau quer lançar bases de lógica nova”<sup>16</sup>. Quer dizer, esse “*romance-idéia*”, de fato, almeja por um questionamento mais amplo e profundo que insta por uma superação dos dilemas e impasses circunscritos no interior das fronteiras da mitologia tropical. *Catatau* vai além e toca nas bases dos pressupostos que ampararam a lógica da Razão no Ocidente. E é aqui onde entra em cena o nosso convite à chegada de Henri Bergson, para justificarmos a importância da superação da *aporía narcotizante*, que imobiliza o pensamento e a ação humana no esteio das experiências da vida, por onde transitam, também, a filosofia e a arte da *poiesis* literária.

E, sobretudo, por ter em vista *a questão da Memória* como tema precípua deste nosso estudo, a chegada de Bergson se traduz com uma pertinência que nos parece infoscismável; uma vez que, para este pensador, a função do pensamento é agir, indo além das contingências espaciais e territoriais condicionantes que tentam, a todo instante, imobilizar o fluxo vital por meio de pseudos-conceitos calcados numa *ontologia negativa* da qual se advém toda a lógica de uma *hermenêutica baseada na idéia da perda e da falta*. Bergson adverte-nos quanto à morbidez do círculo paranóico-dialético do pensamento reflexivo que tem por horizonte as “*miragens conceituais*” do *Nada* e do *Vazio* que, obsedado por tais “fantasmas”, institui impasses (*aporía*) inarredáveis à vida e ao pensamento. Donde se forjam e se propalam os mitos (“*ídolos da distância*”) que paralisam *o ato livre do pensamento criador*. Daí Bergson observar em seu ensaio “*Matéria e Memória*” que: “As questões relativas ao sujeito e ao objeto, à sua distinção e à sua união, devem ser colocados mais em função do tempo que do espaço”<sup>17</sup>.

O empreendimento epistemológico de Bergson denuncia, portanto, os engodos nos fundamentos do pensamento tradicional e moderno, pela metafísica que triunfou no Ocidente, a partir das *aporías* nos sofismas construídos por Zenão de Eléia, que tinham por escopo negar as realidades do movimento e da mudança.

---

<sup>16</sup> LEMINSKI, Paulo. *Quinze pontos nos iis*. In *Catatau*. Op. cit., p. 210.

<sup>17</sup> BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Traução Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p.75.

Zenão, que segundo as palavras do próprio Aristóteles é o “Pai da dialética”, propiciou, através dos seus sofismas, as bases a todo o desenvolvimento posterior da dialética articulada por Platão. Tanto *Catatau* como Bergson problematizam e denunciam os equívocos provenientes dessa lógica, que resultou nas cisões, fraturas e dicotomias que nortearam a lógica do pensamento e da vida habitual, separando e hierarquizando as dimensões do espírito e da matéria, que se refletiu numa *esquizo-visão* pela qual se colocam em oposição: o mundo das Idéias *versus* o dos afetos, do Eu *versus* o outro, alto *versus* o baixo, masculino *versus* feminino, nativo *versus* estrangeiro, e congêneres.

A *teoria da memória bergsoniana* altera e subverte completamente as teorias tradicionais sobre este mesmo assunto. É que o problema da memória em Bergson se traduz como uma função inseparavelmente vinculada à força de impulsão do *élan vital*, propagando-se através dela, graças à *Duração* (*Durée*), que é o *tempo vivo gerador*, estofa donde a vida advém, desenrolando-se graças à passagem concreta do seu movimento, que age atualizando as virtualidades de tudo o que reclama a *Presença* no plano da realidade. Segundo Deleuze:

De uma maneira distinta da de Freud, mas tão profundamente quanto, Bergson viu que a memória era uma função do futuro, que a memória e a vontade eram tão-só uma mesma função, que somente um ser capaz de memória podia desviar-se do seu passado, desligar-se dele, não repeti-lo, fazer o novo<sup>18</sup>.

Trata-se da *memória co-extensiva à vida*, uma memória vital engajada num trabalho criador (*poiesis*), produtor de alterações, propagando a força do *élan* que engendra as irrupções das mudanças da vida através do tempo. A sua função, nesse caso, dista radicalmente das concepções mecânicas e associacionistas que, normalmente, a têm como se ela fosse um mero arquivo ou depósito de dados e informações disponíveis a qualquer momento, na passividade estanque do seu registro. Inversamente, para Bergson, a memória é um *lugar de passagem, lugar móvel* que não se deixa aprisionar nas restrições impostas pelos limites da Representação, implicando-se, incessantemente, num movimento de superação das fascinações eventuais, cristalizadas nos conceitos e imagens. E não fora precisamente isso que constatamos o tempo todo no percurso da nossa leitura em *Catatau*? O problema da memória nesta obra é onipresente, diríamos, em todos os planos: desde o trabalho do gesto escritural (*poiesis de introversão*), no qual o escritor mexe com o passado da língua (há inúmeras citações em latim, gês/tapuias, holandês arcaico, etc.), além de, nas alterações no corpo da língua materna, dando vazão à função heurística da linguagem, que suscita o descobrimento de outras virtualidades expressivas *da e na* língua, até os planos da contextualização temática em torno do qual o suposto

---

<sup>18</sup> DELEUZE, Gilles. *Bergsonismo*. Trad. Luiz B. L. Orlande. São Paulo: Ed.34, 1999, p. 114.

enredo da *espera* de Cartesius gravita (*poiesis de extroversão*), que é o passado colonial, donde se põe em jogo certos elementos atinentes à origem e a história do Brasil. Mas, sobretudo ainda, ampliando essa reflexão que atinge toda uma miríade de mitos que engendraram o imaginário e a lógica do pensamento que permeia a cultura ocidental, desde sempre.

Na “festaguerra” de *Catatau* é inócuo buscar amparos no coro da *aporia* calcada nesse sentimento de inferioridade, posto que, aí, o que se tem é a conjugação festiva, e bem resolvida, entre as dicções do erudito e do popular, sem sofrer dos complexos discriminantes da lógica hierárquica, que normalmente institui o que seria a “alta” e a “baixa” cultura. Daí o êxito do “salto” leminskiano com a sua obra.

A lei que rege os movimentos da *poiesis* em *Catatau* é seguramente uma outra lei, que é a *lei do devir*. Daí o narrador/personagem advertir: “Atenção. Quero a liberdade de minha linguagem. Vire-se. Independência ou silêncio. As Núpcias da Essência e da existência. Vir a ser é assim” (p. 58).

Por isso, as metáforas do texto transbordam os limites estritos das discussões calcadas nas representações de ideologias culturais, que alimentam os mitos nos regionalismos e/ou nacionalismos, de modo que as flechas dessa escritura atingem, com precisão, os alvos dessas aporias e dão um “salto” alçando vôos de alcance mais amplo e fecundo ao pensamento criador. O fato de se querer como um “*Romance-idéia*”, faz de *Catatau* um texto intrinsecamente comprometido com as relações entre a linguagem e a conseqüente expressão heurística do pensamento gerador e livre.

Na *metafísica positiva do tempo e da matéria* criada por Bergson, a memória tem papel capital, uma vez que é por ela que se conjuga o laço da percepção com a vida, liame pelo qual se propaga a força do élan, nas operações da *poiesis* da memória-criadora, potência voltada à futuração.

Embora a personagem Cartesius, no desamparo de uma espera, refira-se à memória de forma negativa, graças à força irrequieta do “implicante Occam”, todavia, o texto chega ao leitor no sentido de despertá-lo para uma outra forma de memória que não seja a memória mórbida da Representação, baseada na morbidez da perda e da ausência; memória obsedada nos círculos das repetições automáticas do Mesmo. Occam provoca e invoca por uma saída desse labirinto de ecos especulares, água parada do lago de Narciso, e, igualmente, memória como fonte traumática das quedas que se repetem como no fardo angustiante de Sísifo. E a saída das repetições desse espelho, instalado pelo circuito dialético-paranóico, em que a subjetividade humana se vê aprisionada, entre as alternações das miragens do jogo presença-ausência – desde Platão e coroando-se no projeto da razão moderna com Descartes –, dá-se a partir do momento em que a memória passa a agir como ins-

tância criadora, atuando diretamente na movência da vida, produzindo aí, alterações e transformações no devir.

Bergson reivindicou como método para o seu pensamento a *Intuição*. E com isso, desenvolveu toda uma caminhada meticulosa, no sentido de recuperar a Intuição dos mal-entendidos no entendimento que essa noção, assim como os conceitos de Tempo, Movimento e de Mudança, arrebanharam ao longo da história do pensamento.

A intuição para Bergson é como uma espécie de Invocação, uma voz que é preciso escutá-la para se ir além das aparências materiais e das seduções das imagens. Uma voz que adverte e insta pela superação de si em relação aos impasses das complicações dos Nós que nos aprisionam no interior dos condicionamentos da rotina e de suas respectivas repetições. No entanto, a precisão do método do pensamento intuitivo requer a aprendizagem de uma espera (*attendre*). Trata-se de uma espera atenta e que, ao mesmo tempo aponta, agora, para a *face positiva de uma outra aporia*, posto que, nesse caso, a *aporia* é fecundante por ter a intuição implicada no movimento imanente do tempo vivo e real da duração. Por isso, Bergson reclama para o seu método, um estatuto semelhante ao da arte, pois, para ele, um conceito deve ser criado a cada movimento em que se aproxima do objeto, talhando-se à medida deste. Daí a *exigência de precisão* do seu método, conjugada à idéia de *Liberdade*, donde advém o “salto” libertador da criação. Este “salto” conjuga, a um só tempo, pensamento e ação, percepção e memória que, pela Intuição reencontra o impulso do élan vital. Salto criador que só se dá pela ação precisa do ato livre e atento às nuances do movimento da vida.

Em nossa leitura, apontamos para a *Poiesis de Transversão da Memória*, como uma experiência de *passagem e travessia*, através da leitura. Para Bergson, o presente jorra como um *misto* que se desdobra a cada instante em duas direções opostas, “dois jatos simétricos, um dos quais cai no passado ao passo que o outro se lança para o porvir”<sup>19</sup>. O presente se divide em duas formas de memória: a *memória-lembrança* (dilatando-se em direção ao passado) e a *memória-percepção* (contraíndo-se em direção ao futuro). A nossa hipótese da *poiesis de transversão* tem por fito sinalizar acerca do movimento que se convoca, no ato da leitura, à criação de novos entendimentos, no sentido de superar e libertar o pensamento de certos impasses.

A transversão da memória aponta para um vetor agenciador das alterações, gerando diferenciações sobre os sentidos das experiências na vida. O que se repete na transversão da memória é a diferença que se engendra em relação a si mesma. Dispositivo escópio-acústico, por onde se invoca a lei de uma memória, cujo único voto é o de não se esquecer de estar sendo sempre diferente de si mesma.

---

<sup>19</sup> BERGSON, Henri. *Memória e vida*. Textos escolhidos por Gilles Deleuze. Trad. Cláudia Berlinger. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 50.

Memória que celebra a conservação da mudança e transnortando a História, o pensamento e a vida, abrindo novos sulcos e caminhos pela duração que atualiza a virtualidade criadora. Memória-Presentação, portanto, agindo concretamente pela *poiesis* do ato criativo e transformador do devir.

De sorte que, em *Catatau*, cabe ao leitor desembaralhar-se do nó armado nas complicações e confusões vivenciadas, metaforicamente, na pele ficcional da personagem Cartesius, para que desse labirinto não se repita a espera imóvel, hipnotizada sob o ideal de uma miragem *subspecie aeternitatis* donde viria um salvador ou messias como em Godot. É o próprio Cartesius que, a certa altura, no desespero da espera, desabafa: “Cada vez menos num passado longínquo, o atual dinâmico na vez. Chega demessias, cauíxiba, o cachimbo, o imperigo em cadumdenós!” (p. 66).

Leminski esperou nove anos para escrever seu *Catatau* e efetuou exitosamente o seu “salto”. Neste caso, a espera foi fecunda, tal como em Bergson, que propôs a experiência de uma espera atenta e à espreita do momento preciso, em que a vida passa a ser redescoberta e reinventada, recriando-se, agora, sob a lei da passagem fecunda de um tempo que se dá *sub specie durationis*.

## REFERÊNCIAS

- BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Traução Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BERGSON, Henri. *Memória e vida*. Textos escolhidos por Gilles Deleuze. Trad. Cláudia Berlinger. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*, v. 1. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*, v. 2. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- DELEUZE, Gilles. *Bergsonismo*. Trad. Luiz B. L. Orlande. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- ISIDRO PEREIRA, S. J. *Dicionário grego-português e português-grego*. 8. ed. Braga: Livraria A. I., 1998.
- LEMINSKI, Paulo. *Catatau*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 1989.
- LEMINSKI, Paulo. *O bandido que sabia latim*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- LEMINSKI, Paulo. *Quinze pontos nos iis*. In *Catatau*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 1989.
- LEOPOLDO E SILVA, Franklin. *Bergson: intuição e discurso filosófico*. São Paulo: Loyola, 1994.
- MELLO, Evaldo Cabral de. *A ferida de Narciso: ensaio de história regional*. São Paulo: Ed. SENAC São Paulo, 2001. Série Livre Pensar; 10.
- PLEBE, Armando; EMANUELE, Pietro. *Manual de retórica*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- SCHWARZ, Roberto. *Que horas são?: ensaios*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.
- VAZ, Toninho. *O bandido que sabia latim (Biografia)*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

